

Recensões bibliográficas

RIPOLLÈS, Pere Pau - *Monedas hispánicas de la Bibliothèque Nationale de France*. Madrid: Real Academia de la Historia; Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2005 (Bibliotheca Numismatica Hispana; 1). 334 p. ISBN 84-95983-52-4.

Dando seguimento a uma numerosa e brilhante série de obras sobre numismática hispânica, o professor Pere Pau Ripollès, da Universidade de Valência, brinda-nos, desta vez, com a modelar catalogação de 2119 numismas hispânicos (e algumas imitações gaulesas) que pertencem ao justamente célebre “Cabinet des Médailles” da Biblioteca Nacional de França.

Conquanto iniciado há mais de vinte anos, o trabalho em presença, graças ao esforço continuado do seu autor, reúne praticamente toda a bibliografia entretanto publicada sobre as cecas hispânicas representadas naquela que é uma das mais importantes colecções monetárias do mundo, desde há vários anos sob a responsabilidade de Michel Amandry.

Tal como é hábito em todos os trabalhos da autoria de Pere Pau Ripollès, a descrição dos numismas reveste-se de um inultrapassável rigor, só ao alcance de quem possui um completo e invulgar conhecimento do tema em causa. Não será, pois, nenhum exagero declarar que a numismática da Hispânia antiga não tem quaisquer segredos para o professor Ripollès.

A obra que aqui examinamos patenteia uma excelência gráfica que realça ainda mais os méritos científicos de quem a elaborou. Nada há a apontar à qualidade das fotografias, que fazem justiça ao bom estado de conservação da grande maioria dos exemplares estudados. Como se tal não bastasse, os numismas mais atractivos foram seleccionados para figurar em soberbas ampliações a cores, distribuídas por 32 estampas.

Depois de dois textos introdutórios assinados por Michel Amandry (p. 13-14) e Martín Almagro-Gorbea (p. 15-16) — cuja impressionante actividade editorial na qualidade de *Anticuario Perpetuo* da *Real Academia de la Historia* nunca será demais enaltecer —, surge o prefácio da autoria de Ripollès (p. 17-22), no qual este caracteriza em linhas gerais o conjunto que lhe coube estudar.

O catálogo propriamente dito estende-se por quase 300 páginas (p. 35-311), num claro reflexo da minúcia de que se reveste a descrição de cada um dos exemplares.

Tal como noutras ocasiões, seguem-se alguns comentários que deixam à vista outras tantas discordâncias com o professor Ripollès, cada vez em menor número (circunstância que, de algum modo, comprova a utilidade de anteriores recensões*), relativas à catalogação de determinadas moedas:

140-143. Dracmas ibéricas de imitação: Ripollès qualifica como ibéricas quatro inscrições monetárias que, por exibirem um ou mais caracteres alheios ao semi-silabário ibérico levantino, não passando, por conseguinte, de imitações ilegíveis, preferimos qualificar como “iberizantes”.

144. Dracma ibérica (de imitação?): É possível que, à semelhança das anteriormente referidas, a legenda **rCos** (Villaronga, 1998, p. 133, n.º 460) ou **aTaCi** (Faria, 2004a, p. 177) não possua qualquer conteúdo semântico, não sendo de excluir a eventualidade de, tal como **TaCio** (Villaronga, 1998, p. 134, n.º 483), ter sido criada a partir de **bagarTaCi**, inscrição na qual haverá presumivelmente que individualizar o NL **bagar** (Faria, 2004a, p. 177).

509. *Murtili*: **MVRT** deve dar lugar a **MVRTI**[L]. Este engano já figura no *CNH* (377:5).

520. *Cunubaria/Conobaria*: **CVNBARIA** deve dar lugar a **CVNVBARIA** (Tovar, 1974, p. 148; Centeno, 1987, p. 167; Faria, 1988, p. 7, 1994a, p. 123, 1996a, p. 230, 2001b, p. 213).

- 521-525. *Cunubaria/Conobaria*: CVNBARIA deve dar lugar a CVNVBARIA (Tovar, 1974, p. 148; Centeno, 1987, p. 167; Faria, 1988, p. 7, 1994a, p. 123, 1996a, p. 230, 2001b, p. 213).
526. *Anaipora*: [M] AIPORA deve dar lugar a ANAIPORA (Villar, 1999, p. 701, 2000, p. 101; Faria, 1998a, p. 245, 2000, p. 125). Ripollès deixa entrever a probabilidade de os numismas em questão testemunharem a existência de um município que daria pelo nome de *Aipora*; cremos, no entanto, que tal pretensão é completamente indefensável.
581. *Searo*: No anverso, não figura a cabeça de Hércules com pele de leão, mas a de Juno Sospita, coberta com pele de cabra (Rodríguez Mérida, 1992, *passim*).
584. *Calle*: No anverso, não figura a cabeça de Hércules com pele de leão, mas a de Juno Sospita, coberta com pele de cabra (Rodríguez Mérida, 1992, *passim*).
592. *Carmo*: No anverso, não figura a cabeça de Hércules com leonté, mas a de Juno Sospita, coberta com pele de cabra (Rodríguez Mérida, 1992, *passim*).
- 644-645. *Obulco*: ATILAN (¿?) deve dar lugar a ATIITAN (http://www.tesorillo.com/imagenes1/latinas/abra_obulco.jpg) [consulta de 15-10-04]. No anverso do exemplar n.º 644, pode ler-se, diante da cabeça feminina, [C]ONI[PR].
660. *Obulco*: [?]ntuakui deve dar lugar a **anduaCui** (Tovar, 1960, cuadro 2; Faria, 1990-1991, p. 74, 91, 1991a, p. 17, 1992, p. 44, 1994a, p. 123, 1994b, p. 39, n.º 44, 1995a, p. 79, 1996b, p. 152, 2003, p. 213). Dadas as limitações tipográficas, o nexa em causa, efectivamente desenhado no livro, surge aqui substituído por um ponto de interrogação.
- 661-662. *Obulco*: [?]tuakui deve dar lugar a **anduaCui** (Tovar, 1960, cuadro 2; Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 17, 1992, p. 44, 1994a, p. 123, 1994b, p. 39, n.º 44, 1995a, p. 79, 1996b, p. 152, 2003, p. 213). Dadas as limitações tipográficas, o nexa em causa, efectivamente desenhado no livro, surge aqui substituído por um ponto de interrogação.
- 665-666. *Obulco*: **karsuribi** deve dar lugar a **Cařsuritu** (MLH III 1, p. 190; Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 17-18, 1991b, p. 190, 1994a, p. 123, 1994b, p. 42-43, n.º 112, 1994c, p. 67, 1995a, p. 80, 81, 1995b, p. 326, 1996b, p. 158, 1997, p. 106, 1998a, p. 249, 1998b, p. 236, 1998c, p. 230, 2000, p. 122, 130, 2001a, p. 99, 2002, p. 127, 2003, p. 213, 215).
697. *Abra*: **uekoeki** deve dar lugar a **uecuegi** (MLH III 1, p. 153; Faria, 1991a, p. 18, 1994b, p. 55, n.º 391, 1996b, p. 175, 2000, p. 128). [?]kioniś deve dar lugar a **angioniś** (Faria, 1990-1991, p. 73, 81, 1991a, p. 18, 1994b, p. 38, n.º 36, 1995a, p. 79, 2001b, p. 206, 2003, p. 212, 2005, p. 163-164). Dadas as limitações tipográficas, o nexa em causa, efectivamente desenhado no livro, surge aqui substituído por um ponto de interrogação. Ripollès (p. 127) adverte para a distinção entre o primeiro nexa de signos do NP em apreço e o que ocorre em idêntica posição em **anduaCui**, mas não cremos que tais diferenças sejam foneticamente significativas, atendendo à especificidade de quase todos os grafemas empregues na numária de *Abra*, de *ductus* mais “cursivo”, reveladores da pouca habilidade (ou do desconhecimento da escrita) de quem os produziu.

- 767-770. *Castulo*: A presente emissão poderá pertencer aos finais do século II a.C. ou aos inícios do século seguinte, porquanto um exemplar a ela pertencente serviu de cunho a uma moeda de *Dipo*, ceca seguramente activa antes de 80 a.C. (Faria, 1998a, p. 244-245).
778. **ildurir/ildurber**: O quinto signo da legenda ibérica encontra-se mal desenhado. A transliteração **ildurber** foi recentemente alvitrada por Pérez Orozco (2005, p. 195).
- 1031-1054. **Bolíce*: **bolískan** deve dar lugar a **bolścen** (Rodríguez Ramos, 2000, p. 44, 45, n. 6, 53, 2002 [2003], p. 248, n. 3, 2001-2002 [2003], p. 432-433; Faria, 2003, p. 218-219). Ripollès (p. 25, n. 13) mostra-se conhecedor da transliteração alternativa, mas não justifica a sua adesão à transliteração tradicional.
- 1169-1183. *Segeda*: **šekaisa** deve dar lugar a **segeida** (Rodríguez Ramos, 1997, p. 194, 2002 [2003], p. 248, n. 13, 2001-2002 [2003], p. 431; Faria, 2003, p. 218-219). Ripollès (p. 25, n. 13) mostra-se conhecedor da transliteração alternativa, mas não justifica a sua adesão à transliteração tradicional.
1225. **Ocela*: **okalakom** deve dar lugar a **ocelacom** (Faria, 2003, p. 224-225; Rodríguez Ramos, 2001-2002 [2003], p. 431-432).
- 1228-1231. *Tole*: A legenda toponímica é TOLE, e não TOLETO, pelo que o nome da ceca deve ter sido *Tole* (Jacob, 1986, p. 277; Faria, 1987, p. 25, 1998a, p. 246, 2001b, p. 214). A legenda do reverso das moedas n.ºs 1229-1231 é a seguinte: C VICIVS C F(i)LIO (*sic*) EX S C (legenda retrógrada, excepto EX e o último C) (Faria, 1994a, p. 123, 1994b, p. 56, n.º 398, 1998a, p. 246).
- 1241-1279. *Augusta Emerita*: O nome desta cidade-ceca é, tal como as moedas o comprovam, *Augusta Emerita*, e não *Emerita Augusta*.
1287. *Pax Iulia*: Esta moeda terá sido cunhada entre 31 e 27 a.C. (Faria, 1989, *passim*, 1995c, p. 150-151, 1995d, p. 90-91).
- 1288-1298 *Irippa*: Estas moedas terão sido cunhadas em data anterior a 27 a.C. (Faria, 1989, p. 109).
- 1299-1302. **Osse*: Estas moedas terão sido cunhadas em data anterior a 27 a.C. (Faria, 1989, p. 108). Não é inteiramente seguro que, no momento em que as mesmas foram cunhadas, a ceca correspondente contivesse os *cognomenta Constantia* e *Iulia*. No entanto, mesmo que assim fosse, a denominação completa seria *Constantia Iulia Osse(t)* (Faria, 1989, p. 108), e não *Osset Constantia Iulia*.
1303. *Laelia*: Estas moedas terão sido cunhadas em data anterior a 27 a.C. (Faria, 1989, p. 109). É também este o parecer emitido por Francisca Chaves Tristán (2005, p. 62), do qual não consta a bibliografia precedente.
1382. *Carteia*: C CVRMAN deve dar lugar a C CVR MAN (Castillo, 1993, p. 401; Faria, 1994a, p. 123, 1994b, p. 38, n.º 38, 44, n.º 136, 2001b, p. 214, 2004b, p. 609).

1408. *Carteia*: Trata-se de um exemplar correspondente ao tipo CNH 418:53, e não ao tipo CNH 418:51, tendo as legendas dos reversos de ambos os tipos sido objecto de transcrições erróneas por parte de Villaronga. De facto, só há muito pouco tempo é que as ditas legendas foram devidamente lidas e interpretadas (Faria, 2004b, p. 610); o semisse em questão ostenta o seguinte reverso: pescador sentado numa rocha, à esq.; em baixo, em duas linhas: C MINIVS IV / C VIB IT; diante do pescador: IIII VIR.
1409. *Carteia*. C VIBI IIII VIR / C MINIVS IIII VIR, no campo IT e IV deve dar lugar a C MINI IIII VIR / IV - C VIBI IIII VIR / IT. Salvo erro, esta é a primeira vez que se fornece a correcta transcrição da legenda do semisse do tipo CNH 418:54.
- 1411-1420. *Carteia*. Estes quadrantes, ao documentarem a terceira vez em que C. *Minius* foi quadrúviro, não podem deixar de ser anteriores aos semisses n.ºs 1408-1410.
- 1552-1553. *Nova Karthago*: A leitura da legenda do anverso destes dois exemplares é a seguinte (excepcionalmente, desdobramos todas as abreviaturas, a fim de deixar bem claro que toda a legenda se encontra em ablativo): TI(*berio*) NERONE QVI(*nquennali*) C(*ai*) HELVI(o) POLL(*ione*) PR(*aefecto*) (Faria, 1994b, p. 45, n.º 179, 1999, p. 268, 2001b, p. 214).
- 1673-1708. *Tarraco*. A designação *Colonia Iulia Vrbs Triumphalis Tarraco* parece-nos abusiva, uma vez que o *cognomentum Iulia* jamais surge atestado nas emissões de *Tarraco* (Faria, 1998d, p. 271, 2001b, p. 215).
- 1990-1992. *Turiaso*. O nome de um dos duúviro presentes nos asses em questão é M GEL PALVD (Gómez-Pantoja, 1992, p. 298, cuadro B; Faria, 1994b, p. 45, n.º 169, 1996b, p. 161, 1998a, p. 250, 1999a, p. 269, 2001b, p. 213) e não M CEL PALVD, desdobrando-se as correspondentes abreviaturas em M(*arcus*) GEL(*lius*) PALVD(*inus*), de preferência a M(*arcus*) GEL(*lius*) PALVD(*ius*) (Gómez-Pantoja, 1992, p. 298, cuadro B; Faria, 1994b, p. 45, n.º 169), atendendo aos dois únicos *comparanda* admissíveis, PALVDINVS e PALYDINVS, que, de resto, se atestam exclusivamente na Hispânia (Abascal Palazón, 1994, p. 447; OPEL 3, p. 122).

NOTA

* Em mensagem electrónica, o professor Pere Pau Ripollès não deixou de chamar a nossa atenção para os erros de que enfermam algumas observações que apressadamente exarámos na recensão, publicada na *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8:1, 2005, p. 472-479, do volume intitulado *Sylloge Nummorum Graecorum Sweden II. The Collection of the Royal Coin Cabinet, National Museum of Economy, Stockholm. Part 6: the G. D. Lorichs Collection*, redigido pelo supracitado numismata. Tais erros dificilmente serão admissíveis

num texto que, pela sua própria natureza, se destina a criticar afirmações de outrem. Deixamos aqui a referência numérica das moedas cujas descrições não deviam ter sido alvo de emendas da nossa parte ou que, sendo delas merecedoras (a maioria), deviam ter sido corrigidas de outra maneira: *SNG Stockholm* 399-408, 410-411, 1327, 1329, 1535-1542, 1894-1901, 2029 e 2071-2073. Pelos lapsos cometidos, apresentamos as nossas desculpas ao professor Ripollès e aos seus leitores.

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- CASTILLO, C. (1993) - [Recensão de] CURCHIN, L. A. - *The Local Magistrates of Roman Spain*. University of Toronto Press, 1990, XII + 275 pp. Emerita. Madrid. 61:2, p. 399-401.
- CENTENO, R. M. S. (1987) - *Circulação monetária no Noroeste de Hispânia até 192*. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática.
- CHAVES TRISTÁN, F. (2005) - La amonedación de *Laelia*. In *Arqueología en Laelia (Cerro de la Cabeza, Olivares, Sevilla): campaña de excavación de 1981*. Sevilla: Universidad, p. 57-65.
- CNH = VILLARONGA, L. (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- FARIA, A. M. de (1987) - Moedas de chumbo, da época romana, cunhadas no actual território português. A propósito do Catálogo de Plomos Monetiformes de la Hispania Antigua. *Numismática*. Lisboa. 47, p. 24-28.
- FARIA, A. M. de (1988) - Algumas considerações a propósito do “Álbum de la antigua colección Sánchez de la Cotera de moneda ibero-romana (Madrid, 1986)”. *Numismática*. Lisboa. 48, p. 7-9.
- FARIA, A. M. de (1989) - Sobre a data da fundação de *Pax Iulia*. *Conimbriga*. Coimbra. 28, p. 101-109.
- FARIA, A. M. de (1990-1991) - Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, p. 73-88.
- FARIA, A. M. de (1991a) - Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 13-22.
- FARIA, A. M. de (1991b) - [Recensão de] UNTERMANN, J., *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*, Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990, 339 + 661 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 187-197.
- FARIA, A. M. de (1992) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, p. 39-48.
- FARIA, A. M. de (1994a) - [Recensão de] Leandre VILLARONGA, *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*, Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994, XXII + 519 pp. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 121-124.
- FARIA, A. M. de (1994b) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15, p. 33-60.
- FARIA, A. M. de (1994c) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 65-71.
- FARIA, A. M. de (1995a) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 79-88.
- FARIA, A. M. de (1995b) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova série. 16, p. 323-330.
- FARIA, A. M. de (1995c) - Moedas da época romana cunhadas em território actualmente português. In GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: Ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del *Archivo Español de Arqueología*; 14), p. 143-153.
- FARIA, A. M. de (1995d) - Plínio-o-Velho e os estatutos das cidades privilegiadas hispano-romanas localizadas no actual território português. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 89-99.
- FARIA, A. M. de (1996a) - [Recensão de] TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-29: Lisboa. Sobre la base cartográfica a escala 1:1 del IGN. Emerita-Scallabis-Pax Iulia-Gades. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente-Ministerio de Cultura, 1995, 220 pp + mapa. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 227-234.
- FARIA, A. M. de (1996b) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correcções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 149-187.
- FARIA, A. M. de (1997) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 105-114.
- FARIA, A. M. de (1998a) - [Recensão de] ALFARO, C.; ARÉVALO, A.; CAMPO, M.; CHAVES, F.; DOMÍNGUEZ, A.; RIPOLLÈS, P. P. - *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesus [sic] Vico, S.A. Editores, 1998. 441 p. ISBN 84-8571117-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 241-256.
- FARIA, A. M. de (1998b) - [Recensão de] QUINTANILLA, Alberto - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. 325 p. (Veleia: Revista de Prehistoria, Historia Antigua, Arqueología y Filologías Clásicas. Anejos. Serie Minor; 11). ISBN 84-8373-041-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 232-240.
- FARIA, A. M. de (1998c) - [Recensão de] SILGO GAUCHE, L. (1994), *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 1994, 271 p. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 228-234.
- FARIA, A. M. de (1998d) - [Recensão de] LE ROUX, Patrick - *Romains d'Espagne: cités & politique dans les provinces Ile siècle av. J.-C. - IIIe siècle ap. J.-C.* Paris: Armand Colin, 1995. 182 p. ISBN 2-200-21593-2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 270-272.
- FARIA, A. M. de (1999) - [Recensão de] BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. - *Roman Provincial Coinage. I. From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC-AD 69)*, 2 Parts. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale, 1992. 812 p. + 195 ests. ISBN 0-7141-

- 0871-5 (BMP); ISBN 2-7177-1845-1 (BnF) e BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. - *Roman Provincial Coinage. Supplement I*. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale, 1998. 60 p. + 10 ests. ISBN 0-7141-0894-4 (BMP); ISBN 2-7177-2049-9 (BnF). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 267-272.
- FARIA, A. M. de (2000) - Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, p. 121-151.
- FARIA, A. M. de (2001a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 95-107.
- FARIA, A. M. de (2001b) - [Recensão de] RIPOLLÈS, P. P.; ABASCAL, J. M. - *Monedas hispánicas: catálogo del Gabinete de Antigüedades*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2000 464 p. ISBN 84-89512-67-1. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 213-216.
- FARIA, A. M. de (2002) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 121-146.
- FARIA, A. M. de (2003) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 211-234.
- FARIA, A. M. de (2004a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 175-192.
- FARIA, A. M. de (2004b) - [Recensão de] BAGWELL PUREFOY, P.; MEADOWS, A. - *Sylloge Nummorum Graecorum. Vol. IX, The British Museum. Part 2, Spain*. London: The British Museum, 2002, 192 p., 80 estampas. ISBN 0-7141-1802-8. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 608-612.
- FARIA, A. M. de (2005) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 163-175.
- GÓMEZ-PANTOJA, J. (1992) - Colonia Victrix Iulia Celsa. *Dialoghi di Archeologia*. Roma. Terza Serie. 10:1-2, p. 289-298.
- JACOB, P. (1986) - À propos des toponymes *Callet*, *Ceret*, *Osset*. *Emerita*. Madrid. 54, p. 275-280.
- MLH III 1 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- OPEL 3 = LÖRINCZ, B. (2000) - *Onomasticon Provinciarum Europae Latinarum III: Labareus – Pythea*. Wien: Forschungsgesellschaft Wiener Stadtarchäologie.
- PÉREZ OROZCO, S. (2005) - Las consonantes laterales en las lenguas paleohispánicas. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 98, p. 193-201.
- RODRÍGUEZ MÉRIDA, J. A. (1992) - Representaciones de Juno Sospita en monedas de Callet, Carmo y Searo. *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*. Madrid. 10, p. 39-44.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1997) - Sobre el origen de la escritura celtibérica. *Kalathos*. Teruel. 16, p. 189-197.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000) - Nuevas observaciones de crono-paleografía ibérica levantina. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 73, p. 43-57.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002) [2003] - The lexeme *arís* in the Iberian onomastic system and language. *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. 37:3, p. 245-277.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2001-2002) [2003] - Okelakom, Sekeida, Bolśken. *Kalathos*. Teruel. 20-21, p. 429-434.
- TOVAR, A. (1960) - Lenguas prerromanas no indoeuropeas: testimonios antiguos. In *Enciclopedia Lingüística Hispánica, I*. Madrid: CSIC, p. 5-26.
- TOVAR, A. (1974) - *Iberische Landeskunde, II. 1. Baetica*. Baden-Baden: Valentin Koerner.
- VILLAR, F. (1999) - Los topónimos meridionales de la serie ipo. In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de Marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 685-718.
- VILLAR, F. (2000) - *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania prerromana: las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Universidad.
- VILLARONGA, L. (1998) - *Les dracmes ibériques i llurs divisors*. Barcelona: Societat Catalana d'Estudis Numismàtics.

Grupo Mérida - *Atlas antroponímico de la Lusitania romana*. Mérida: Fundación de Estudios Romanos; Bordeaux: Ausonius, 2003.

Quando olhamos para um trabalho como o do vol. II do *CIL* e seu *Supplementum* e constatamos que foi conduzido essencialmente por uma única pessoa, dificilmente poderemos evitar algumas interrogações. E, ao mesmo, tornam-se inevitáveis as comparações com a realidade actual, desde logo com a actualização dessa mesma obra. Nesse confronto de duas épocas e duas perspectivas científicas distintas, um dos aspectos mais contrastantes diz respeito aos métodos de trabalho dos investigadores e à natureza das relações que se estabelecem entre a comunidade científica. Actualmente uma tendência cada vez mais evidente de organizar equipas multidisciplinares e com frequência internacionais, sobretudo quando se trata de assumir um encargo de considerável dimensão, que uma só pessoa dificilmente cumpriria com sucesso.

Foi isto mesmo que se verificou com o Grupo Mérida, o responsável pela publicação que aqui se recenseia. Constituída por um conjunto de vinte pessoas, de quatro nacionalidades distintas, esta equipa pôs à disposição da comunidade científica um instrumento de trabalho fundamental, que servirá certamente de referência para a investigação futura no domínio da onomástica. A Lusitânia passou a dispor, com esta obra, de um repertório bastante exaustivo dos nomes pessoais, a que se adicionam alguns contributos complementares que assumem igualmente uma considerável importância.

Ainda que abordados com a brevidade que uma obra deste género recomenda, nela se tratam, nomeadamente, assuntos de natureza histórica e linguística que representam uma forma de enquadrar, de analisar e sintetizar a ampla informação compilada. J. L. Ramírez Sádaba encarregou-se de uma introdução geográfica (pena que se tenha anunciado como “geográfica”), em que se abordam com especial relevo as múltiplas questões que se reportam às fronteiras da província romana, numa forma geral com ponderadas decisões sobre elas.

Algumas interrogações a respeito do Mapa (p. 42) e da lista “ciudades y topónimos antiguos y su correspondencia cartográfica” (p. 62). Regista-se aí a forma *Meiobriga*, nunca atestada, em detrimento de *Meidobriga*/*Medobriga*, e identifica-se este antigo topónimo com uma localidade de Ranhados, Viseu, quando esta, na realidade, se situa mais a oriente, no concelho de Meda (GD). Para além disso, esta correspondência, pelo seu carácter problemático, deveria vir acompanhada de uma interrogação. Ao contrário, parece-me que, no estado dos nossos conhecimentos, não subsistem dúvidas sobre a identificação da *ciuitas Cobelcorum* e da *ciuitas Arauorum*, pelo que não se justificariam os pontos de interrogação que acompanham estas entidades. Não se percebe porque se inclui *Lacobriga* e Moura, mas se excluem *Cilpes* e *Arandis*, lugares que gozariam provavelmente de um estatuto superior. Por fim, não se dispõe de nenhum argumento minimamente consistente que permita supor que os *Elbocori* a um lugar concreto, “tal vez Bobadela” (p. 61, 62), pelo que se deveria omitir esta antiga hipótese, esquecida pelo seu próprio autor.

Segue-se uma breve síntese histórica, da responsabilidade de M. Salinas de Frías e J. Edmondson, que passa em revista o processo de conquista, a criação e organização administrativa da província, tendo em especial atenção o desenvolvimento dos centros políticos sobre os quais se veio a alicerçar a transformação do mundo indígena.

Ao tratamento destes aspectos prévios, se adiciona o corpo do trabalho: o *Atlas*, organizado alfabeticamente, com registo de todas as ocorrências conhecidas do nome, com uma separação entre os *nomina* (NOM), por um lado, e os *cognomina*/nomes únicos (COG/NU), por outro, mas tudo numa mesma sequência e não em separado, como na solução preferida por Abascal (1994). A lista é acompanhada de mapas, em todos os casos que registam mais de quatro ocorrências, nos

quais, para além da dispersão, se visualiza a concentração em determinados núcleos ou regiões, a natureza do antropónimo e o seu enquadramento linguístico (latino, grego ou indígena).

Encontra-se agora, actualizado e num só volume, aquele trabalho que, depois da obra pioneira de Untermann (1965), foi com frequência realizado por muitos investigadores de forma pontual ou regional, à medida da ocorrência de novos registos de nomes pessoais era posta em evidência pela descoberta de novas inscrições ou pela correcção das já conhecidas. Torna-se, pois, desnecessário insistir sobre a enorme utilidade deste trabalho em boa hora empreendido.

Os autores optaram por estabelecer, como baliza mais avançada da recolha, os meados do século III d.C. “fecha en que se inician cambios sociales de gran envergadura /.../ que afectan plenamente al sistema onomástico de la sociedad altoimperial” (p. 59). Penso, em primeiro lugar, que esta última asserção está muito longe de ser comprovada, pelo menos no que concerne ao âmbito geográfico deste repertório. Além disso, como a cronologia da maioria das epígrafes lusitanas dificilmente se obtém por critérios externos, especialmente na ampla produção exterior às grandes cidades, é muito provável que aqui se incluam muitas inscrições posteriores a essa data limite. E, pela mesma razão, é igualmente previsível que sejam excluídas outras que se deveriam englobar. Falta, além do mais, uma explanação dos critérios em que se baseou esta operação, a nosso ver muito arriscada e que poderá potencialmente distorcer os dados.

Acresce que a aplicação deste critério deixa de fora alguma documentação, significativa, no meu ponto de vista, e, em alguns casos suficientemente clara para recomendar que uma suposta alteração das tradições onomásticas no momento referido deve ser devidamente ponderada, pelo menos enquanto fenómeno habitual. O caso mais sintomático encontra-se na epígrafe de Vilares, Trancoso (GD), com uma datação consular de 495 d.C. (e, por isso, uma das inscrições excluídas) na qual se identifica uma personagem com o nome de *Caturo Areini f(ilius)*. É possível que se contraponha que o nome em causa constitui um exemplo isolado e, por esse facto, sem qualquer significado. Creio, no entanto, que o seu carácter aparentemente excepcional resulta apenas do facto de apresentar uma cronologia segura particularmente avançada. Se fosse possível saber quantas e quais as epígrafes dos séculos IV e V d.C., o seu número aumentaria substancialmente. Temos de pensar que, em muitas das áreas desta província, a onomástica tradicional perdurou até uma fase muito tardia, o que deve ser surpreendente para quem espera que as alterações no domínio dos nomes pessoais se generalizem com alguma facilidade. Todavia, não pode ser apenas um acaso que duas das (poucas) inscrições datadas da Beira Interior (a de S. Romão, Seia, e a referida *supra*) revelem uma persistência, aparentemente tão inesperada, das estruturas onomásticas tipicamente locais até cronologia tão avançada.

A respeito dos limites da Lusitânia, há certamente ainda muito para discutir e os próprios dados que este repertório fornece poderão contribuir para a alteração pontual da proposta aqui formulada, como demonstrou J. M.^a Vallejo, co-autor desta obra, em comunicação apresentada à VI Mesa-Redonda sobre a Lusitânia Romana. Neste momento, porém, referirei apenas a debatida questão do território dos *Banienses* e suas implicações neste aspecto particular. É pena, em primeiro lugar, que este problema nunca seja verdadeiramente abordado, nem no capítulo “Los límites de la Provincia de Lusitania”, nem em outro lugar. O leitor atento apercebe-se, todavia, que o fundamento desta decisão se relaciona com um comentário, feito mais adiante, quando se trata da identificação de cidades e topónimos antigos e sua correspondência actual (p. 61). Aí (n. 3) ficamos a saber que Torre de Moncorvo não deverá tomar-se como a sede da *ciuitas Baniensium*, remetendo-se o assunto para uma futura publicação epigráfica, sem qualquer elemento que permita compreender os argumentos subjacentes a esta decisão.

Para além da compilação de uma enorme massa de dados, uma das dificuldades residiu na escolha da transcrição mais correcta das formas onomásticas, por vezes sem possibilidade de con-

frontar com o próprio monumento, uma vez que esta seria sem dúvida vantajosa, mas tornaria o projecto praticamente inviável. É natural, por isso, que o resultado seja susceptível de alterações e adições futuras. Algumas das correcções que me parecem necessárias foram já referidas na bibliografia da especialidade e em alguns casos conduzem à eliminação de algumas entradas. Nestas circunstâncias se encontra o suposto antropónimo *Eaccus*, que se registaria numa inscrição de Retortillo (SA). Não apenas porque se trata de um *hapax* (nunca é demais sublinhar o cuidado que se deve ter nestes casos), mas também pelas particularidades paleográficas que apresenta, deveria ler-se, seguindo uma pertinente observação de Navascués (1966, p. 215), como *Flaccus*. Note-se que, justamente, essa forma única não se encontra nos repertórios onomásticos de M. Palomar Lapesa (1957) e M.^a L. Albertos (1966).

A ocorrência *Calamon*, atribuída a uma inscrição de S. Pedro da Cadeira, Torres Vedras (LI), sem paralelo na Hispânia e muito escassamente representada em toda a epigrafia latina, deve ser substituída por *Calimorphus*, segundo proposta de José Cardim Ribeiro, dada a conhecer por V. Mantas (2000, p. 137-138), registo onomástico também ele único na Lusitânia, mas muito bem atestado em inscrições da Itália e da Gália.

Algumas das alterações de leitura têm implicação no enquadramento dos nomes, como no caso do monumento proveniente da Madre de Deus, Sintra (LI), no qual se leu tradicionalmente o nome de uma *Cassia Mater(na)*. Untermann (1967, p. 195) tinha sugerido a sua correcção para *Cassia Mermanti (filia)*, mas em comunicação que apresentei ao Colóquio Internacional de Epigrafia “Divindades Indígenas e *Interpretatio Romana*” (Sintra, 1995) em colaboração com Carlos Búa, intitulada “Algumas anotações à epígrafe da árula da Madre de Deus, Sintra” (no prelo) foi proposta a lição *Cassia Mer/mandiceo / u(otum) l(ibens) s(oluit)* (Cfr. Búa [2000], p. 579-580). Deste modo, deveria excluir-se a entrada correspondente em *Materna* (p. 232), ao mesmo tempo que *Cassia* passaria para o grupo dos *cognomina*/nomes únicos.

Este caso obriga ainda a colocar uma questão relativa à integração linguística de alguns nomes recolhidos neste repertório, nomeadamente aqueles em que as formas onomásticas tanto poderiam integrar-se na língua latina, como nas locais. Embora os autores tenham, sem mais, agrupado num único apartado todos as ocorrências de NOM e de COG/NU *Cas(s)ius, -a*, figurando todos como nomes romanos, tal decisão não me parece de todo acertada. Se tivermos em conta que se atesta igualmente o antropónimo *Casa/Qasa*, unicamente na Lusitânia, e seguramente de origem indígena, como se assinala no mapa 77, então não podemos deixar de nos questionar se pelo menos alguns dos nomes únicos não corresponderiam, na realidade, a derivados deste último. Seria certamente o caso de *Casia Vironi f.*, registada numa epígrafe de Valdelacasa (CC), sobre cuja integração num contexto cultural e linguístico tipicamente hispânico não subsistem dúvidas.

Na elaboração dos mapas constata-se uma variação de critérios, nomeadamente na forma de registar algumas variantes onomásticas, em particular as que oscilam entre os temas em *-o-* e em *-i-*. Por exemplo, enquanto *Apinis* se representa cartograficamente junto com *Apinus* (p. 94, mapa 31), o mesmo critério não se adoptou com a dupla *Viriatis/Viriatus*, excluindo-se a primeira forma do mapa n.º 329, onde se distribuem apenas as ocorrências da última.

Numa obra com esta dimensão, torna-se inevitável que escapem algumas ocorrências, nomeadamente quando estas são transmitidas por publicações de circulação muito restrita. Como contributo para a necessária actualização da obra, obrigação que recai sobre todos, indicam-se alguns nomes do território de *Olisipo* que não se encontram no presente *Atlas* e que parecem atribuíveis ao período em que se enquadra a recolha:

L(ucii) Iuli L(ucii) f(ilia) Gal(eria) Iusti, L(ucius) Iulius Reburrrus e Iulia Iusta são personagens que se documentam na inscrição *CIL* II, 313, de Bucelas, Loures (LI), de que Luís Fernandes (1999,

p. 75-77), seguindo J. Cardim Ribeiro (1994, p. 85), dá nova leitura e a que atribui uma “datação em torno dos finais do séc. I d.C. ou mesmo inícios do séc. II d.C.”

Amoena Maelgeini regista-se num monumento originário de S. Tiago dos Velhos, Arruda dos Vinhos (LI), dado a conhecer por O. da Veiga Ferreira (1973-1974, p. 141-142) numa revista local, tendo passado despercebido à recompilação feita pela *Année Épigraphique*, razão que pode eventualmente explicar a sua ausência.

Mais dificilmente se compreende a omissão dos antropónimos *Terentia Stacte* e *[M]ascellio* [.] *f. Seuero*, atestados em duas epígrafes diferentes originárias da freguesia de Carvoeira, Torres Vedras (LI), as quais, embora noticiadas pela primeira vez no periódico local *Badaladas*, foram recolhidas num dos conhecidos trabalhos de Vasco Mantas sobre a epigrafia da região (Mantas, 1982, p. 78; Cfr. Guerra, 2004, p. 67, 70), artigos cuja ausência na bibliografia geral se estranha. Anote-se que *Stacte* corresponde a uma entrada nova nesta recolha e constitui a única atestação na Hispânia.

Seria, enfim, aconselhável que, no âmbito da obra, se evitassem a discrepâncias quanto à lição das epígrafes, nomeadamente a que ocorre num importante monumento de Santarém: enquanto no repertório se adopta a leitura, correcta, na minha opinião, de *Aponio* [*C*] *apitoni* (p. 95), a mesma personagem é referida sob a forma [*Pom*] *ponio Capitoni* na “Introducción Histórica” (p. 53, n. 46).

O trabalho completa-se com o que se designa como “Ejes de estudio”, que abarca cinco linhas de investigação distintas: onomástica indígena, estruturas familiares em ambiente indígena, onomástica greco-latina, estatuto social e onomástica e, por fim, onomástica e religião.

A primeira delas constitui o contributo mais extenso, dedicado essencialmente à análise linguística do repertório, às suas particularidades e ao significado da sua distribuição geográfica de grupos onomásticos ou sufixos. A elaboração de mapas com a distribuição de algumas destas realidades pelo território hispânico permite algumas observações sobre a especificidade da onomástica lusitana, mas também torna clara a complexidade da análise dos resultados. Este apartado constitui, sem dúvida, uma aportação de grande interesse que certamente a continuidade da investigação completará.

No capítulo dedicado às organizações supra-familiares apresenta-se um elenco de todos os nomes que integram estas entidades, justamente tomadas, neste contexto, como elementos característicos do mundo vetão. A informação compilada apresenta-se sobre a forma de um mapa (p. 406), onde se constata, de facto, uma distribuição característica pela parte mais oriental da província, mas em relação a este impõe-se algumas precisões. Em primeiro lugar, dele se excluiu deliberadamente o caso de *Belaisocum*, registado em Monsanto (Idanha-a-Nova, CB), provavelmente por se tomar como dado assente que este se integra “en el territorio de los lusitanos” (p. 405). Para além disso, faltam mais duas ocorrências desta mesma área: uma já bem conhecida, atestada numa inscrição de Teixoso (Covilhã, CB) e publicada por J. Leite de Vasconcellos (1934, p. 25-28), onde se identifica um *Silo Angeiti filius Maguacum*; outra, proveniente de S. Martinho, Castelo Branco, de recente aparecimento e de que se apresentaram duas interpretações (Encarnação, 2003, p. 124-127), a de *gentis Aesurorum* (José d’Encarnação) e de *gent(ilitas) Ilaesurorum* (F. Patrício Curado). A adição destes casos implicaria um prolongamento para ocidente da mancha de distribuição destas entidades, o que condiz com a informação das fontes clássicas a respeito da extensão dos Vetões, nos quais se integram, nomeadamente, os Lancienses.

Estamos, em síntese, perante um dos mais importantes contributos publicados nos últimos anos, no domínio da epigrafia hispânica, cujo mérito as observações aqui produzidas não diminuem. Constituindo um instrumento de trabalho para linguistas e historiadores, esta obra pode justamente apresentar-se como exemplo de uma investigação que se distingue pela sua enorme utilidade. A ampla recompilação de dados deste repertório poderá proporcionar uma base documental mais sólida para alguns estudos e permitirá, certamente, abrir novas perspectivas de estudo nestas áreas do saber.

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL, J. M. (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- ALBERTOS, M.^a L. (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: CSIC.
- BÚA, C. (2000) - *Estudio lingüístico de la teonimia lusitano-gallega*. Tesis doctoral inédita. Salamanca.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2003) - Da ambiguidade e da certeza. *Conimbriga*. Coimbra, 42, p. 117-128.
- FERNANDES, L. S. (1999) - Inscrições romanas do termo de Loures. In *Da vida e da morte: os romanos em Loures*. Loures: Câmara Municipal, p. 75-92.
- FERREIRA, O. da V. (1973-1974) - Notícia de algumas estações pré e proto-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos (2.^a parte). *Boletim Cultural. Junta Distrital de Lisboa*. Lisboa. Série II. 79-80, p. 131-150.
- GUERRA, A. (2003) - Uma perspectiva sobre a epigrafia funerária latina da região de Torres Vedras. In *Turres Veteras VI*. Torres Vedras: Câmara Municipal, p. 57-72.
- MANTAS, V. G. (1982) - Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras. *Conimbriga*. Coimbra, 21, p. 5-99.
- MANTAS, V. G. (2000) - A população da região de Torres Vedras na época romana. In *Turres Veteras IV*. Torres Vedras: Câmara Municipal, p. 129-141.
- NAVASCUÉS, J. M. (1966) - Onomástica salmantina de época romana. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. Madrid. 158, p. 181-230.
- PALOMAR, M. (1957) - *La onomástica personal prelatina de la antigua Lusitania*. Salamanca: CSIC.
- RIBEIRO, J. C. (1994) - *Felicitas Iulia Olisipo*: algumas considerações em torno do catálogo *Lisboa Subterrânea. Almadan*. Almada. II série, 3, p. 75-95.
- UNTERMANN, J. (1965) - *Elementos para un atlas antroponímico de la Hispania antigua*. Madrid: CSIC.
- UNTERMANN, J. (1967) - [Recensão de] BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M.^a - Religiones primitivas de Hispania, I. *Beiträge zur Namenforschungen*. Heidelberg. Neue Folge. 2, p. 192-199.
- VASCONCELLOS, J. L. (1934) - Antiguidades do concelho da Covilhã. *Biblos*. Coimbra, 10, p. 24-31.

AMÍLCAR GUERRA